

UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS (UFAL)
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS, COMUNICAÇÃO E ARTES (ICHCA)
CURSO DE JORNALISMO

VIVIANE DA SILVA LIMA

RELATÓRIO TÉCNICO DA REPORTAGEM ESPECIAL
GUERREIRAS E BRINCANTES:
O PROTAGONISMO DE MULHERES NAS DANÇAS E NOS FOLGUEDOS
ALAGOANOS

Maceió

2020

VIVIANE DA SILVA LIMA

RELATÓRIO TÉCNICO DA REPORTAGEM ESPECIAL
GUERREIRAS E BRINCANTES:
O PROTAGONISMO DE MULHERES NAS DANÇAS E NOS FOLGUEDOS
ALAGOANOS

Trabalho de Conclusão de Curso submetido ao Curso de Jornalismo da Universidade Federal de Alagoas (Ufal) como requisito para a obtenção do título de Bacharel em Jornalismo.

Orientadora: Profa. Dra. Janayna Ávila

Maceió

2020



UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS (UFAL)
Instituto de Ciências Humanas, Comunicação e Artes (ICHCA)
Curso de Jornalismo

ATA DE APRESENTAÇÃO DE TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO

TCC para obtenção do grau de Bacharel em Jornalismo

Aos 17 dias do mês de julho do ano de 2020, das 15h às 16h35, realizou-se no Curso de Jornalismo (antigo curso de Comunicação Social), da Universidade Federal de Alagoas (Ufal), a sessão de apresentação do Trabalho de Conclusão de curso (TCC), intitulado "**GUERREIRAS E BRINCANTES: O PROTAGONISMO DE MULHERES NAS DANÇAS E NOS FOLGUEDOS ALAGOANOS – REPORTAGEM ESPECIAL**" do(a) graduando(a) **VIVIANE DA SILVA LIMA**, matrícula 15111323, do Curso de Jornalismo (antigo curso de Comunicação Social – habilitação Jornalismo), como parte dos requisitos para obtenção do Grau de Bacharel. A banca foi composta por **Profa. Dra. Fernanda Rechenberg** (1º examinadora), **Profa. Dra. Lídia Ramires** (2º examinador) e **Profa. Dra. Janayna Ávila** (orientadora). Após exposição oral sintetizando o TCC, o(a) graduando(a) foi arguido(a) pelos membros da banca e em seguida respondeu aos questionamentos levantados. Ao fim da sessão, a banca se reuniu em particular o TCC foi considerado:

- (X) Aprovado, atribuindo-lhe a nota **10 (dez)**
() Reprovado
() Aprovado, condicionado a reformulação, devendo o graduando entregar uma segunda versão de seu trabalho em prazo não superior a _____ dias úteis.

Subscrevemo-nos

JANAYNA ÁVILA (orientadora)

FERNANDA RECHENBERG (1ºexaminadora)

LÍDIA RAMIRES (2º examinadora)

AGRADECIMENTOS

Agradeço aos meus pais, Joana e Vivaldo, à minha irmã, Steffany, e à minha tia Zélia, por sempre me apoiarem e me ajudarem, por serem minha base e pelo amor incontestável. Eles são os principais responsáveis por quem eu sou e por grande parte da saudade que eu senti durante todo o curso.

Agradeço à minha orientadora, Janayna Ávila, por toda a paciência, atenção e dedicação.

Agradeço a todas as pessoas que contribuíram, indireta ou diretamente, no desenvolvimento deste trabalho, principalmente as minhas amigas Daniela Arbex e Carol Almeida.

Agradeço ao Janderson Felipe, que se fez presente e é um grande amigo. Ele me acompanhou em quase todas as entrevistas, me incentivou e auxiliou durante momentos cruciais da produção deste trabalho.

Agradeço à Isabela Segala e à Letícia Sobreira, com quem eu morei nos últimos anos e que, além de me ajudarem a transformar apartamentos em lar, me proporcionaram tempo, atenção e incentivo na construção da reportagem.

Agradeço a todos os bons professores e boas professoras que tive nesta caminhada de estudos.

Agradeço a todos os funcionários do Restaurante Universitário (RU), por me alimentarem no decorrer da graduação.

Agradeço às guerreiras e brincantes: Maura, Lurdes, Iraci, Lucimar e Zeza, que me receberam em suas casas e compartilharam suas histórias comigo. Obrigada pela confiança e pelo carinho.

Por fim, agradeço a Alagoas, por ter me proporcionado conhecer lugares e pessoas incríveis, que me nutriram e me inspiraram de muitas formas. Às praias, por sempre serem refúgio.

RESUMO

O trabalho desenvolvido trata-se de um produto jornalístico, uma reportagem especial, composta por cinco perfis de mulheres alagoanas que atuam no comando de diferentes grupos de danças e folguedos populares: baianas, bumba meu boi, pastoril, chegança, guerreiro e coco de roda. Utilizando-se do perfil, gênero textual comum no jornalismo literário, o material traz aspectos da vida de personagens que ocupam lugares antes apenas destinados aos homens, vistos quase sempre como protagonistas das brincadeiras. A abordagem do assunto dá vazão, através de suas narrativas, às questões que envolvem não apenas os folguedos, mas também a vida pessoal de cada uma delas. São personagens que falam por si, pessoas anônimas com histórias relevantes que, por vezes, são invisibilizadas por questões sociais, de classe e de gênero.

Palavras-chave: Perfil. Folguedos. Mulheres. Cultura Popular. Alagoas.

ABSTRACT

This work consists in a journalistic product, a special report composed of five profiles of women from Alagoas who act in command of different groups of popular dances and revelry: Baianas, Bumba Meu Boi, Pastoril, Chegança, Guerreiro and Coco. By the use of profile, a textual genre common in literary journalism, the material brings aspects of the lives of characters that occupy places previously only intended for men, almost always the protagonists of the games. Through its narratives the approach of the subject gives rise to the issues that involve not only the play, but also the personal life of each one of them. They are characters who speak for themselves, anonymous people with relevant stories who are sometimes made invisible by social, class and gender issues.

Keywords: Profile. Play. Women. Popular culture. Alagoas.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	8
2 OBJETIVOS	12
2.1 OBJETIVO GERAL.....	12
2.2 OBJETIVOS ESPECÍFICOS	12
3 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA	13
4 PROCESSO DE PRODUÇÃO JORNALÍSTICA DO TRABALHO	17
5 PROJETO GRÁFICO E EDITORIAL	21
6 RESULTADOS E DISCUSSÕES	26
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	28
REFERÊNCIAS	30
ANEXO.....	31

1 INTRODUÇÃO

Alagoas é um Estado com expressiva diversidade quando o assunto é cultura popular. E os folguedos são um segmento forte da identidade cultural local, por mais que isso não seja algo evidenciado atualmente. No entanto, a construção socioeconômica de Alagoas, que teve como destaque a produção e a exportação de mercadorias agrícolas como o açúcar, está diretamente ligada à origem dos folguedos no Estado, que se deu nos engenhos. “É no cenário desse território senhorial, principalmente naquele que ia dos alpendres da casa-grande aos limites da senzala, que as famílias dos proprietários de engenhos banguês promoviam o lazer da comunidade” (TENÓRIO, 2013, p. 22). Durante a escravidão, os folguedos eram formas de entretenimento para os senhores de engenho, que os incentivavam e financiavam. Em entrevista, Cármen Lúcia Dantas¹ afirmou que os folguedos serviam para o lazer senhorial e alimentavam a ideologia do senhor de engenho, através da exaltação do sistema econômico social vigente. Sendo assim, muitos dos folguedos vieram da folia de reis, que é portuguesa, exceto os que nasceram nas senzalas e eram proibidos – o que contribuiu com o sincretismo entre manifestações culturais de origem lusitana, indígena e africana. As mudanças socioeconômicas do País modificaram essa forma de financiamento dos folguedos, mas eles continuaram a ser produzidos e passaram a ser mantidos pelos descendentes dos povos escravizados, herdeiros da desigualdade social que há no Brasil. Desse modo, hoje, os folguedos são mantidos por pessoas de baixo poder aquisitivo, que residem em bairros periféricos e desassistidos da cidade.

Esse aspecto econômico também interfere no modo como a existência, a assistência e a valorização das manifestações de cunho popular se dão. Dar visibilidade às mulheres que dentro desse segmento percorrem um caminho ainda mais longo e tortuoso para alcançarem espaço, atuar e ter reconhecimento é uma das premissas deste trabalho.

Os grupos de folguedos são dinâmicos; a adaptação é algo bem característico da cultura popular, que tende a se adequar às novas gerações e às condições financeiras, entre outros fatores que sinalizam a vivacidade do folclore que está em contínua transformação para sobreviver. No texto “Cultura e saber do povo: uma perspectiva antropológica”, a autora Maria Laura Cavalcanti reafirma isso quando diz que

¹ Entrevista realizada com Cármen Lúcia Dantas em 16 abr. 2018, por Viviane da Silva Lima.

Os folguedos expressavam a cultura popular como um todo integrado, inseparável da vida cotidiana. Eram o folclore em ação, aberto e contraditório, ligado ao passado e continuamente adaptado ao presente; um caminho privilegiado para captar a originalidade do processo de formação da cultura brasileira e seu movimento. A abrangência dessa formulação mantém a atualidade. (CAVALCANTE, 2001, p. 4).

Uma dessas mudanças é a atuação das mulheres como lideranças dos grupos sendo proprietárias, coordenadoras e mestras. Funções que, tradicionalmente, apenas os homens podiam exercer.

Os folguedos são manifestações culturais emitidas de uma geração para outra, envolvendo familiares e a comunidade que os cercam. Desse modo, os grupos de folguedos, geralmente, são inerentes ao cotidiano, à vida familiar e pessoal dessas mulheres que carregam e transferem oralmente seus conhecimentos empíricos sobre a cultura popular. A professora de Antropologia na Universidade Federal de Alagoas (Ufal) Fernanda Rechenberg², ao trabalhar com o acervo fotográfico do Museu Théó Brandão de Antropologia e Folclore (MTB), entre os anos de 2018 e 2019, a partir de uma perspectiva compartilhada, realizou entrevistas com alguns mestres e mestras, donos e donas de folguedos, e em entrevista ressaltou aspectos dessa dinâmica:

Em algumas entrevistas também têm surgido narrativas muito diferentes em relação à participação nos folguedos quando vindas de mulheres e, sobretudo, das mulheres que estão ao lado de algum homem, então isso é uma coisa bastante interessante, porque elas têm nos mostrado outro lado dos folguedos, um lado que é mais vinculado às relações entre as pessoas, mais vinculado ao espaço doméstico, mais vinculado ao cuidar, enfim, mais vinculado a outras percepções em relação aos folguedos. (RECHENBERG, 2019).

A falta de adesão das novas gerações às manifestações folclóricas é uma das questões salientadas nas narrativas das personagens da reportagem. Os folguedos são apresentações pontuais e momentâneas, que acontecem em datas específicas e são compostas por música, dança e encenação. Pode-se dizer que é um musical regional.

Procurou-se entender e retratar a dinâmica de produção e a manutenção dos grupos de folguedos, levando em consideração também outros aspectos da vida dessas mulheres, como as profissões ou os ofícios exercidos pelas personagens, as múltiplas jornadas de trabalho, as relações familiares, os vínculos afetivos, o machismo e a desigualdade de gênero que há no conservadorismo da sociedade e no tradicionalismo dos folguedos. Todas essas abordagens foram feitas dentro de um recorte mais

² Entrevista realizada com Fernanda Rechenberg em 13 nov. 2019, por Viviane da Silva Lima.

específico: frisando as dificuldades enfrentadas e as conquistas alcançadas por essas personagens alagoanas, considerando a subjetividade de cada uma delas.

Tendo como bojo a narrativa e, portanto, a subjetividade de Maura, Lucimar, Lurdes, Iraci e Maria José, que são as personagens principais da reportagem, as técnicas selecionadas para sua construção têm como base o jornalismo literário – com uma estrutura narrativa que visa ao aprofundamento de conteúdo de modo que proporcione uma experiência ao leitor por meio da vivência de cada uma dessas mulheres – e o perfil jornalístico.

Há muitas maneiras de escrever uma história, mas nenhuma pode prescindir de personagens. Também são inúmeras as formas de apresentá-los, caracterizá-los ou fazer com que atuem. De qualquer modo, existe sempre um momento na narrativa em que a ação interrompe para dar lugar à descrição (interior ou exterior) de um personagem. É quando o narrador faz o que, em jornalismo, convencionou-se chamar de perfil. (SODRÉ; FERRARI, 1986, p. 125).

Essas escolhas deram-se pela potencialidade que ambas as técnicas têm de promover a imersão e instigar a curiosidade e a reflexão do leitor em uma realidade com que ele possa ter ou não familiaridade. Visto que se trata de cultura popular e por mais que as apresentações não sejam tão frequentes e apenas se ouça falar de folguedos em datas específicas, em algum momento da vida, seja na escola ou em algum noticiário do mês de agosto, esse leitor, provavelmente, terá tido algum tipo de contato com os folguedos.

Considerando as duas possibilidades, buscou-se reafirmar a existência desses folguedos elucidando quem são as mulheres que os mantêm, onde elas vivem, o que elas fazem, quais são os seus medos e sonhos. Falando sobre os folguedos pela perspectiva da narrativa dessas mulheres, demonstrando que no cotidiano e no que no início possa parecer ordinário há a potencialidade de histórias inéditas. Os autores Maria Helena Ferrari e Muniz Sodré (1986, p. 77) esclarecem como isso pode ser possível:

Novidade – de modo algum deve ser confundida com “novismo” – a inovação forçada e gratuita. Novidade pode ser ligada ao acontecimento inédito (uma história surpreendente), mas também diz respeito à observação diferente de qualquer assunto, ao ângulo insuspeitado na percepção de um fato, pessoa ou tema. Não significa forçosamente rompimento com as estruturas formais – embora isso às vezes seja determinado pelo próprio conteúdo – mas sobretudo uma abordagem original.

A imparcialidade, que comumente é associada ao jornalismo, não foi aplicada na construção dessa reportagem, mas houve o empenho para que as diretrizes da comunicação que prezam pela observação, apuração, coesão, coerência, abordagem

ética e o fomento da reflexão crítica do receptor fossem exploradas e colocadas em prática. Procurou-se construir uma reportagem que estivesse

Diretamente ligada à emotividade, a humanização se acentuará na medida em que o relato for feito por alguém que não só testemunha a ação, mas também participa dos fatos. O repórter, aquele “que está presente”, servindo de ponte (e, portanto, diminuindo a distância) entre o leitor e o acontecimento. (SODRÉ; FERRARI, 1986, p. 15).

Maura, Lucimar, Lurdes, Iraci e Maria José foram as personagens dessa reportagem especial e o cerne deste Trabalho de Conclusão de Curso (TCC). O empenho empregado neste produto jornalístico foi direcionado para que a narrativa, antes de ser da repórter, fosse, principalmente, das personagens.

2 OBJETIVOS

2.1 OBJETIVO GERAL

Contribuir com os registros jornalísticos que existem sobre cultura popular no Estado de Alagoas, trazendo uma série de perfis de mulheres brincantes sob uma perspectiva crítica e evidenciando mulheres atuantes nesse meio, em temas como patriarcado e feminismo.

2.1 OBJETIVOS ESPECÍFICOS

- Contribuir com o registro sobre as danças e os folguedos que estão em constante mudança e que, em alguns casos, também correm o risco de extinção;
- Narrar e expandir o alcance de histórias de pessoas anônimas, tendo como recorte gênero e classe, proporcionando a elas visibilidade e reconhecimento;
- Integrar a produção jornalística local a uma reportagem com conteúdo diferenciado da produção existente.

3 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Dentre os conhecimentos obtidos na graduação, a técnica da pirâmide invertida foi uma das primeiras instruções que tive na disciplina Oficina de Jornalismo Impresso. Seu propósito é auxiliar a construção da estrutura de um texto jornalístico; desse modo, procura-se comunicar com objetividade, no primeiro parágrafo, as principais informações sobre o assunto tratado na notícia. Para isso, são propostas seis perguntas, que compõem o lide: quem?, o quê?, como?, quando?, onde?, por quê?. Nem sempre dá para responder às seis perguntas no primeiro parágrafo de uma notícia, então se selecionam as principais e as outras são desenvolvidas no decorrer do texto.

“A reportagem é um desdobramento da notícia, mas com foco no ‘quem’ e no ‘o quê’ entre as perguntas clássicas do jornalismo [...]. Ou seja, muito mais do que alongar a notícia, o essencial da reportagem está no interesse humano” (SANTOS, 2014, p. 1). Na decisão de narrar histórias de pessoas anônimas e produzir uma reportagem especial, me abstive da objetividade técnica da pirâmide invertida (que é mais adequada para o gênero jornalístico de notícia) e desviei do caminho convencional do jornalismo que, geralmente utilizando o critério de noticiabilidade, busca retratar pessoas célebres ou conhecidas publicamente. Tendo isso em vista, pode-se dizer que as escolhas feitas para a construção desta reportagem condizem com as características do do Jornalismo Literário, como o autor Vitor Necchi descreve:

Profunda observação, imersão na história a ser contada, fartura de detalhes e descrições, texto com traços autorais, reprodução de diálogos e uso de metáforas, digressões e fluxo de consciência – a gama de recursos é ampla para que a realidade seja expressa de maneira elaborada e sob os mais variados aspectos. Na linha dessa vertente, vigora um profundo humanismo e sepultam-se definitivamente alguns mitos do jornalismo, como a impessoalidade e a primazia do lead – as seis perguntas (O quê? Quem? Como? Onde? Quando? e Por quê?). (NECCHI, 2007, p. 5).

O livro *Técnica de reportagem: notas sobre a narrativa jornalística*, dos autores Maria Helena Ferrari e Muniz Sodré, foi uma das referências utilizadas para fundamentar a produção da reportagem. Buscando sempre orientação e analisando meios de construir uma narrativa que se aproximasse da proposta de desenvolver um conteúdo humanizado, optou-se pelo uso do gênero perfil jornalístico, em que a personagem é o destaque da narrativa. “O perfil é um dos formatos do jornalismo interpretativo (DIAS *et al.*, 1998, p. 13-14), sendo elaborado a partir de uma narrativa

que focaliza momentos da vida de um personagem não-ficcional” (SILVA, 2010, p. 404).

No entanto, para chegar a essa conclusão, foi necessário analisar as possibilidades de construção de textos que há e esse livro, assim como a disciplina Oficina de Jornalismo Cultural, foi fundamental nesse sentido. Maria Helena Ferrari e Muniz Sodré (1986, p. 126) definem o gênero perfil jornalístico da seguinte forma:

Em jornalismo, perfil significa enfoque na pessoa – seja uma celebridade, seja um tipo popular, mas sempre o focalizado é o protagonista de uma história: sua própria vida. Diante desse herói (ou anti-herói), o repórter tem, via de regra, dois tipos de comportamento: ou mantém-se distante, deixando que o focalizado se pronuncie, ou compartilha com ele um determinado momento e passa ao leitor essa experiência.

No decorrer da execução deste Trabalho de Conclusão de Curso (TCC), me aproximei da temática abordada através das duas bases que o orientam: as danças e os folguedos alagoanos e as questões que envolvem a vivência de mulheres dentro desse universo. Para ter embasamento de escrita sobre o assunto, recorri a referências para além do eixo da comunicação, explorando artigos e livros da área das ciências sociais.

Do mesmo modo, me aproximei mais do fazer jornalístico que utiliza os recursos de redação inspirados na literatura, com a finalidade de ter textos mais profundos e humanizados. Com isso, utilizei como referência o Jornalismo Literário, que, em meados da década de 1960, se destacou com o

[...] surgimento de obras de autores como Truman Capote, Norman Mailer, Gay Talese e Tom Wolfe. Aquela década era propensa ao questionamento e à ruptura. O mundo ainda vivia uma espécie de “ressaca” da Segunda Guerra Mundial, que de 1939 a 1945 destruiu diversos países e matou milhões de pessoas. Naquele cenário, a contracultura tomava força. (NECCHI, 2007, p. 6).

No Brasil, o livro *Os sertões* (1902), de Euclides da Cunha, se destaca como pioneiro no jornalismo literário. O texto “conta a ação do Exército na destruição do arraial de Canudos, no interior do Nordeste, [e] foi publicado originalmente em 1897 em forma de reportagens no jornal *O Estado de São Paulo*” (NECCHI, 2007, p. 7). As reportagens feitas com recursos típicos da literatura são desenvolvidas tendo com pauta a realidade; o texto permanece sendo uma história não ficcional e, para além da estética, esse tipo de narrativa, através da valorização dada ao humano, intensifica a identificação do leitor com o texto. A partir desse viés, busquei jornalistas, que também são escritoras, que seguissem essa mesma linha de abordagem para construir a narrativa de suas reportagens.

Fabiana Moraes é jornalista, escritora e professora de comunicação da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE) e foi uma das profissionais que me orientaram, indiretamente, no modo como as entrevistas da reportagem que executei foram feitas. A escritora, em entrevista cedida para o *podcast* “Vida de Jornalista”, relata um pouco sobre a sua experiência como comunicadora, dando ênfase na relação que há entre repórter e personagem. O consumo do conteúdo desse *podcast* me auxiliou na desconstrução da ideia de imparcialidade que ainda é intrinsecamente relacionada à valorização do fazer jornalístico. A percepção de que, antes de repórter e entrevistado, somos humanos foi reforçada, assim como a ênfase de que, nessa relação, é imprescindível respeito, empatia e cuidado. Foi salientada a percepção de que esses fatores determinam a obtenção de um bom material e que não anulam o profissionalismo do indivíduo como repórter.

Eliane Brum é a jornalista, escritora e documentarista que me serviu como exemplo na execução das narrativas construídas na reportagem. O livro *A vida que ninguém vê*, que lhe rendeu o Prêmio Jabuti, em 2007, como melhor livro-reportagem, foi um dos que escolhi para ter como referência para escrever os meus próprios textos. Desde o título, *A vida que ninguém vê* sinaliza a busca da autora em narrar a história de vida de pessoas anônimas, semelhante ao que executei.

As reportagens do livro foram, inicialmente, publicadas por Eliane aos sábados durante o ano de 1999 na coluna “A vida que ninguém vê” do jornal *Zero Hora*, de Porto Alegre. Todas as histórias foram ambientadas no estado do Rio Grande do Sul. O objetivo do espaço era apresentar textos de pessoas comuns e situações ordinárias. (SANTOS, 2014, p. 7).

A revista *Piauí*, um periódico mensal, foi o meio de comunicação em que eu identifiquei o tipo de produto que eu queria produzir para o TCC: uma reportagem especial impressa. Dentre os textos dos periódicos a que tive acesso, é relevante destacar a reportagem “A onda: uma reconstituição da tragédia de Mariana, o maior desastre ambiental do país”, escrita por Consuelo Dieguez, na edição 118 da revista *Piauí*, publicada em julho de 2016. Essa reportagem trata do ocorrido em Mariana/MG através dos relatos de pessoas que viviam na região e que foram escolhidas como personagens, montando uma narrativa sensível e envolvente sobre essa tragédia, respeitando a dor e a fala das pessoas que foram atingidas diretamente. A forma como essa reportagem foi construída vai além da objetividade dos fatos; aos poucos, a autora constrói um vínculo de empatia entre o leitor e as vítimas do ocorrido, dando nomes, contando suas histórias, sonhos, coisas que nos noticiários viraram apenas números, que

sinalizavam quantos corpos foram encontrados. A minha intenção foi produzir uma reportagem especial que segue essa linha jornalística mais humanizada. O perfil jornalístico guiou o desenvolvimento da reportagem.

Seja um anônimo ou conhecido do público, através do perfil é possível encontrar a profundidade que existe na aparência do relatado. Ele tem um estilo único no jornalismo, baseando-se no processo: autor - perfilado - autor - perfil - leitor. Os perfis cumprem um papel importante que é a preocupação com a experiência do outro. (SILVA, 2010, p. 408-409).

E, desse modo, deu-se a construção de uma narrativa que explora a subjetividade e a alteridade da personagem, ou seja, que almeja alcançar a compreensão do outro por meio da comunicação e, assim, retratá-la, prezando pela manutenção da escrita factual jornalística, compromissada e ética.

4 PROCESSO DE PRODUÇÃO JORNALÍSTICA DO TRABALHO

Cultura popular e, mais especificamente, danças e folguedos são temáticas muito amplas e com uma vasta possibilidade de abordagem. Tendo isso em vista, no início e no decorrer do trabalho, foi realizada uma pesquisa bibliográfica sobre o tema, mas sem a pretensão de tratar do assunto de forma profunda e detalhada, por dois motivos: a complexidade do tema – de modo que não seria possível comportar todo esse universo em uma reportagem – e a proposta de que a essência do trabalho sejam as versões apresentadas pelas personagens, mulheres que possuem saber empírico e que, atualmente, sustentam esses grupos.

Outra pesquisa bibliográfica foi feita com o propósito de entender melhor como se dá a presença de mulheres dentro de grupos folclóricos e identificar quais as diferenças nos obstáculos enfrentados por elas por serem mulheres, ou seja, foi uma pesquisa bibliográfica direcionada para a questão de gênero, tendo esse recorte.

Durante o período de produção do TCC, tentei me aprimorar, obter mais informações e conhecimento sobre o tema que eu escolhi abordar e me aproximei, por diferentes meios, das manifestações culturais que retratei, frequentando apresentações, ensaios e reuniões da Associação dos Folguedos Populares de Alagoas (Asfopal). No Museu Théo Brandão de Antropologia e Folclore (MTB) – no qual eu atuei como monitora no Núcleo de Ação Educativa e Pesquisa (Naep), durante um ano e seis meses –, tive contato com parte do conteúdo material e humano que o local proporciona com seu acervo, profissionais, visitantes e eventos.

As entrevistas foram desenvolvidas tendo como base essas informações previamente obtidas, ou seja, a minha experiência no MTB e a fundamentação teórica da pesquisa direcionaram os rumos da pauta. A ideia era encontrar mulheres que ocupassem funções e postos nos folguedos, que tradicionalmente eram direcionados para homens, e, através dessas narrativas, desenvolver uma nova perspectiva sobre o assunto, levando em consideração o saber empírico sobre a cultura popular que essas mulheres detêm, a história e a vivência de cada uma delas. Com a intenção de alcançar essa narrativa, o gênero perfil jornalístico foi utilizado.

Importante ressaltar os principais atributos do gênero, entre os quais, podemos destacar: pleno destaque na pessoa, preocupando-se em desvendar a ideologia dos personagens, mesmo que esta esteja sendo encenada; e eliminação dos pressupostos do jornalismo meramente informativo, diminuindo a negação da subjetividade e o famoso foco no factual. (SILVA, 2009).

Há fatores relevantes que caracterizam a construção do perfil jornalístico e que fizeram parte da produção da reportagem especial. São eles:

o primeiro seria a elaboração da narrativa dando foco às personagens, o segundo a construção do texto no perfil que geralmente segue a lógica da entrevista em profundidade margeada por uma forte pauta, e, por último, o que compreendemos como o cotidiano social e as formas apresentadas por ele a serem inseridas no jornal. (SILVA, 2010, p. 405).

O produto jornalístico desenvolvido para este TCC pode ser descrito como híbrido, pois, além do gênero perfil, ele também é uma reportagem, sendo assim, mais especificamente, uma reportagem-perfil que foi construída com o tipo de “entrevista em profundidade” conceituado por Edgar Morin (*apud* MEDINA, 2002, p. 14-19) e citado por Amanda Tenório Pontes da Silva (2009, n.p.) da seguinte forma:

Este seria o tipo mais indicado na utilização dos perfis jornalísticos, visto que é a entrevista que não focaliza um tema particular ou evento, mas a representação do mundo construída pelo personagem. Relacionar a sua visão dos eventos, dos locais, e a sua maneira de ser é quase o mesmo que, segundo Nilson Lage (2002), “[...] construir uma novela ou um ensaio sobre o personagem a partir de seus próprios depoimentos e impressões”.

Em abril de 2018, fiz a primeira entrevista com a museóloga Cármen Lúcia Dantas. A partir de junho de 2019, comecei a entrevistar as personagens. Em setembro de 2019, entrevistei novamente Cármen Lúcia Dantas e, pela primeira vez, a professora Fernanda Rechenberg. Todas as entrevistas com as personagens foram gravadas em áudio, pessoalmente e na casa delas, para que eu pudesse ter mais proximidade e contato com elas e o ambiente em que vivem, a fim de perceber e destrinchar detalhes que, às vezes, não estão previstos na pauta.

A entrevista tornou-se uma etapa fundamental na elaboração do perfil, pois através dela como instrumento metodológico foi possível angariar o espaço necessário para o jornalista buscar aproximação e narrar densamente o encontro com o seu entrevistado. Segundo Cremilda Medina (1990, p. 18): “Ao lidar com o perfil humanizado, consciente ou inconscientemente, se faz presente o imaginário, a subjetividade”. (SILVA, 2010, p. 408).

No total, foram entrevistadas onze pessoas para a produção da reportagem: uma professora de antropologia e pesquisadora no Museu Théo Brandão (2018 – 2019), Fernanda Rechenberg; uma museóloga, Cármen Lúcia Dantas; as brincantes: Creuza Ana Bonfim, mãe de mestra Iraci; Ana Lúcia Góes, filha de Maura, e outras fontes como: José Carlos dos Santos/Zé do Boi, presidente da Liga dos Grupos de Bumba Meu Boi de Alagoas; Cícero Farias, presidente da Associação dos Folguedos Populares de Alagoas (Asfopal); as personagens: Iraci Ana Bomfim de Melo, mestra e coordenadora

do Guerreiro Campeão do Trenado; Lucimar Alves da Costa, mestra e coordenadora dos grupos Pastoril Nossa Senhora Mãe dos Homens, Pastoril Mensageiro de Fátima, Baiana Volta a Sorrir e da Chegança Silva Jardim; Lurdes Lima Arcanjo, dona e coordenadora do grupo de bumba meu boi Trovão; Maria José Rodrigues Ferreira, mestra e coordenadora do grupo de coco de roda Zeza do Coco; Maura Góes dos Santos, coordenadora das Baianas Mensageiras de Santa Luzia e da banda de pífano Santo Antônio.

A apuração, que consistiu na captação das entrevistas das personagens e de imagens, foi realizada, em média, com dois encontros feitos com cada brincante. No primeiro contato, aconteciam as entrevistas e, no segundo, eu fazia as fotos e/ou a apuração sobre algumas dúvidas que surgiam durante a escrita do material. Em alguns casos, como o de Maura, Lurdes e Maria José, eu tive a oportunidade de acompanhar apresentações em eventos e fazer registros de imagens. Os eventos foram, respectivamente: XVII Congresso Brasileiro de Folclore, em outubro de 2019; 27º Festival de Bumba Meu Boi de Maceió, em agosto de 2019; e 20ª Feira da Reforma Agrária, em setembro de 2019.

No início de todas as entrevistas com as brincantes, eu fiz perguntas-chaves semelhantes, sobre a história de vida delas, como: nome, local onde nasceu, nome dos pais e etc.; mas, no decorrer da apuração, eu não segui restritamente o que estava na pauta. Conforme outros assuntos referentes à vida e às vivências delas nas danças e nos folguedos foram surgindo, eu fui deixando com que elas falassem e, em alguns momentos, direcionava a conversa, sempre com muita atenção. Chegar a assuntos delicados como machismo e violência doméstica, como ocorreu em alguns casos, foi algo complicado. As investidas das perguntas nem sempre funcionavam quando feitas de forma direta, mas, aos poucos, elas se sentiam à vontade em dividir suas histórias.

No artigo “O perfil jornalístico: possibilidades e enfrentamentos no jornalismo impresso brasileiro”, Silva (2009, n.p.) sintetizou esse processo da apuração do gênero de perfil jornalístico da seguinte forma: “A criação de vínculos com os entrevistados através da entrevista não-diretiva é uma forma de capturar nuances que não seriam possíveis se na presença da técnica da entrevista impessoal e direta”.

Todo esse processo de apuração gerou momentos de comoção, ao ver as dificuldades cotidianas que cada uma delas enfrentou e ainda enfrenta e, principalmente, por notar a paixão que elas carregam pela cultura popular, muitas vezes, honrando a

trajetória e o legado de outros brincantes que já se foram. O lado humano da repórter foi algo essencial para a coleta desses relatos.

Frutos de uma apurada pesquisa de campo e da sensibilidade do repórter, as histórias devem ser estimuladas e contadas por meio do jornalismo. Com elas podemos escrever como enxergamos a realidade dos sujeitos do mundo, como diz Raul Vargas (1998), construindo a memória dos homens e mulheres que não se conformam em perder a vida, tentando converter o temporário em eterno. (SILVA, 2010, p. 406).

A partir da escuta e do levantamento dos principais assuntos abordados nas entrevistas, desenvolvi os perfis. Em alguns pontos, as narrativas se assemelham, como a descrição de que as danças e os folguedos são passados de uma geração para outra, mas, de modo geral, cada grupo e cada brincante têm as suas particularidades e características. Conforme a identidade e a história de cada personagem, os textos foram escritos. O texto de abertura foi o último a ser desenvolvido e contextualiza o leitor sobre o que são os folguedos, como eles surgiram e qual o recorte temático dado para o assunto, que é o protagonismo de mulheres nessas manifestações culturais.

5 PROJETO GRÁFICO E EDITORIAL

A escolha do impresso como veículo de comunicação para a reportagem destoa do que, comercialmente, está atualmente em voga na comunicação. As tecnologias da informação prosperam e avançam, alterando os modos de produção, divulgação, interação e consumo da notícia, adaptando-os para o meio digital. Os meios tradicionais de comunicação estão tendo que se adequar à era digital. Com o advento das tecnologias de informação, a internet virou o principal suporte usado como canal de distribuição de produção jornalística.

No entanto, vale salientar que, mesmo com a convergência midiática, os outros suportes de comunicação continuam existindo e se adequam às novas demandas. “A emergência das ferramentas digitais obriga os meios de comunicação a rever modos de produção e distribuição do jornalismo impresso, que configura um movimento e tendência de integração de redações online e off-line” (SICA, 2017, p. 4). Do mesmo modo que o rádio não acabou com o impresso, a televisão não determinou o fim de ambos e, igualmente, isso tende a acontecer com as novas tecnologias de comunicação digital, que irão coexistir com os meios de comunicação já presentes.

Por mais que surjam novos meios de comunicação, esses não eliminam os que já existem. “Eles passaram a conviver simultaneamente, o que gera um desafio para os meios de comunicação tradicionais, que precisam se reinventar no mundo tecnológico a fim de não perder audiência e mercado, integrando um sistema no qual a sociedade passa a estar envolvida rotineiramente” (SICA, 2017, p. 2). Portanto, nesse sentido, não há motivo para eliminar o impresso como uma opção de produção.

No caso deste trabalho, analisou-se que o impresso é a melhor opção para a publicação da reportagem, pois se tratam de textos longos, que buscam envolver o leitor, e, por ser uma pauta fria, que não requer o imediatismo da leitura, o impresso comporta as necessidades da reportagem. Nenhuma reportagem, em uma dinâmica de mercado, é publicada avulsa e o meio impresso pensado para uma possível publicação desta foi a revista. “Devido a sua periodicidade diferenciada de outros meios, como o jornal e a internet, a revista se distancia do tempo real dos fatos, forçando uma velocidade de consumo mais lenta e durando mais nas mãos do leitor” (LAHUDE; GRUSZYNSKI, 2015, p. 15).

O projeto gráfico e editorial da revista *Piauí* (Ed. Alvinegra, Rio de Janeiro – RJ) serviu como inspiração e foi usado como referência para o desenvolvimento do

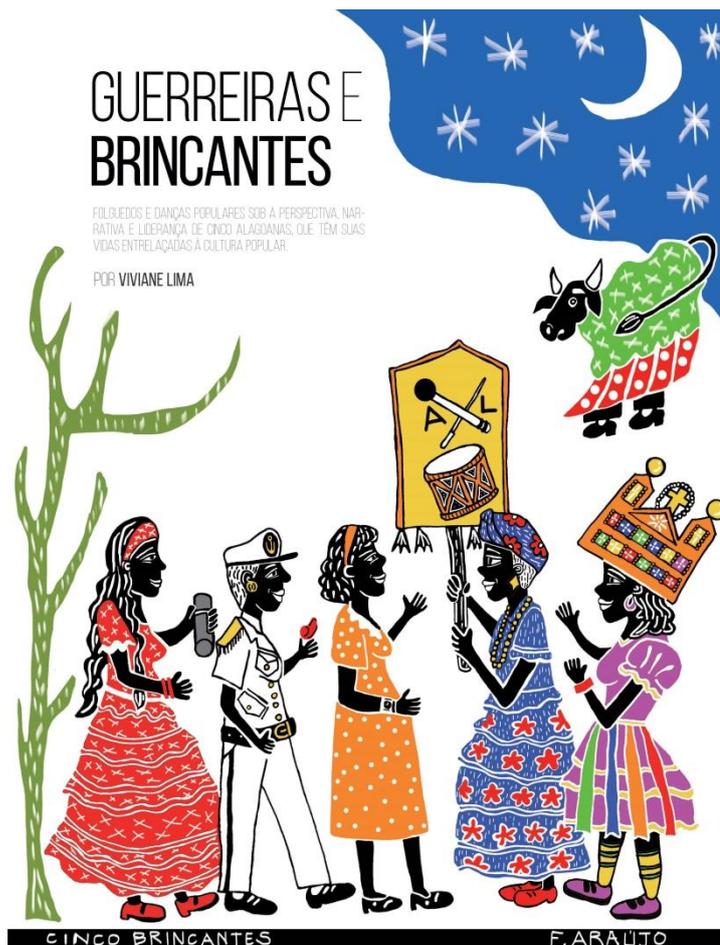
projeto gráfico e editorial da reportagem deste trabalho. A *Piauí* tem como uma de suas características principais o uso do jornalismo literário e se consagrou nesse segmento – isso foi algo que contou, consideravelmente, na decisão de usá-la como parâmetro. Os textos jornalísticos produzidos para o TCC são extensos, semelhantes aos textos publicados na *Piauí*, portanto, essas similaridades orientaram as escolhas.

O projeto gráfico é um elemento fundamental para viabilizar o consumo de conteúdo, tendo em vista a alta concorrência que há entre o impresso e a internet, por isso a atenção destinada a esse ponto da produção foi reforçada. Por tratarem-se de textos longos, o nível de importância do projeto gráfico redobrou, pois chamar a atenção do leitor e mantê-lo envolvido com o conteúdo é uma conquista a ser alcançada para além do conteúdo do texto. Tendo isso em vista, tive o auxílio de Daniela Arbex para a construção do projeto gráfico do material.

O projeto gráfico, conforme Gruszynski e Calza (2013), é formado pelo formato da revista, relacionado ao seu suporte, além do espaço gráfico da publicação, que é a base para a diagramação e articulação dos diferentes elementos de informação presentes. [...] Além disso, critérios de edição, de valores próprios do campo jornalístico, conteúdo publicado, princípio de legibilidade, ritmo, harmonia e coerência visual são importantes no processo de constituição do projeto gráfico. (LAHUDE, 2014, p. 32).

Esclarecidas as considerações prévias de escolhas, o formato e o suporte escolhidos para a reportagem foi o tamanho de 26,5cm x 34,8cm; com impressão no papel Pólen 90g/m² e 70g/m² de gramatura, para a capa e o miolo, respectivamente. A capa contém uma ilustração digital no estilo xilogravura, feita pela ilustradora e professora de design, arquitetura e urbanismo da Fau/Ufal Flávia Araújo. O programa usado para fazer a ilustração foi o *Photoshop*. A ideia, para além da semelhança do que já é uma marca da revista *Piauí*, que sempre traz em suas capas uma ilustração, era agregar mais um elemento artístico ao produto jornalístico.

Figura 1 - A capa traz uma ilustração digital no estilo xilogravura



Fonte: Reportagem *Guerreiras e brincantes* (2020, p. 1).

Vale ressaltar que a xilogravura é uma técnica de gravura tradicional, muito disseminada no Nordeste do Brasil e que serve, entre outras coisas, para ilustrar folhetos de literatura de cordel – que, por sua vez, é um gênero literário popular e, para além do entretenimento, também era usado para informar a população. Todos esses fatores que a xilogravura carrega conversam bem com as características da reportagem que trata de folguedos e danças tradicionais mantidos por mulheres. A xilogravura também era uma técnica desenvolvida majoritariamente por homens. O fato de ser uma xilogravura digital se aproxima da dinâmica que há entre o tradicional e o contemporâneo, relação que também ocorre nas manifestações culturais.

Em relação à tipologia, a fonte escolhida para o corpo do texto é a Electra, pois ela é uma fonte com serifa, o que contribui para a leitura de textos extensos, com alinhamento justificado. “De acordo com Ali (2009), este tipo de alinhamento faz com que a página fique bonita e limpa, sendo apropriado para textos longos” (GRUSZYNSKI; LAHUDE, 2015, p. 59). A fonte usada no título foi a Bebas Neue, em

caixa-alta, com o tamanho 60 (variação em bold e regular), seguido por subtítulos com fonte Electra, em caixa-alta e baixa, tamanho 18. Optou-se por manter o uso da letra capitular, a fim de marcar o início dos textos.

“O espaço gráfico da revista é organizado segundo um grid, uma grade estrutural, malha ou diagrama, constituído por uma rede de linhas horizontais e verticais, como definem Lupton e Phillips (2008)” (LAHUDE, 2014, p. 36). Mantendo o grid adotado pela revista *Piauí*, a reportagem também foi diagramada tendo como base quatro colunas.

As imagens foram editadas tendo como critério salientar as cores que as compõem. Os trajés dos folguedos e danças de Alagoas, geralmente, são bem coloridos e com brilho, tornando-se, por vezes, uma atração a mais para o público. A intenção foi demonstrar um pouco da vivacidade que essas manifestações culturais têm, através das cores, mas mantendo a naturalidade das fotos. O mesmo critério das cores foi usado na escolha da xilogravura colorida, que teve sua palheta de cores inspirada na obra do artista xilógrafo José Francisco Borges.

A fotografia é um elemento imprescindível para uma reportagem especial, não apenas para chamar a atenção do leitor, pois ela tem esse poder, mas também porque informa e documenta sobre o que está sendo abordado no texto. Desse modo, o fotojornalismo é um complemento essencial para o material. Todas as fotografias que compõem a reportagem foram registradas por mim e o ambiente em que foram produzidas varia entre a casa das personagens e alguns eventos de que elas e seus grupos participaram e aos quais eu pude comparecer.

O recurso de editar as imagens que iniciam os perfis, com recortes da silhueta das personagens, deixando-as explicitamente em destaque, somado à dimensão dada às fotos foi usado na intenção de demonstrar a grandiosidade dessas mulheres e de esclarecer a quem pertence a história que está sendo contada. As fotos que envolveram o grupo e/ou movimento e as fotos que foram feitas durante a noite foram as mais complicadas de serem registradas. No primeiro caso, pela disposição e/ou disponibilidade dos envolvidos e, nos demais casos citados, pelas limitações técnicas do celular utilizado, problema que se procurou sanar através da seleção e da edição das fotos, feita no aplicativo *Adobe Photoshop Lightroom*.

Figura 2 - As imagens grandes atraem a atenção do leitor

A BAIANA **ALAGOANA**

À frente do grupo Baianas Mensageiras de Santa Luzia, premiado pelo Ministério da Cultura e que fez fama até fora do Brasil, Maura Góes dos Santos destaca-se também por ser a primeira mulher a liderar uma banda de pifanos no Estado.

Alagoana de São Luís do Quitunde, município da região norte do Estado, Maura Góes dos Santos, 77 anos, é coordenadora do grupo Baianas Mensageiras de Santa Luzia, um dos mais célebres de Alagoas, e da banda de pifano Santo Antônio. Dona Maura tem uma expressão séria, comentou que não gosta de ser fotografada, mas vez ou outra sorri ao falar das brincadeiras de que participa. Sua paixão pelo folguedo é visível logo na entrada de sua casa: na parede da sala, tem um banner dela fotografada com os trajes de brincante.

Aos oito anos, dona Maura mudou-se para Maceió com a família e, aos 10, começou a participar dos folguedos. Aos 17, casou-se e teve o primeiro filho. Anos depois, em meados da década de 1970, ela abandonou o folclore e foi morar em São Paulo.

Como muitos nordestinos, dona Maura saiu de Maceió, com nove filhos e o marido, à procura de uma vida mais confortável em São Paulo. Ao todo, ela pariu 11 filhos, sendo dois nascidos em São Paulo. O marido, seu Ovídio Alexandrino de Góes, foi quem teve a ideia da mudança, induzido por um primo que viera da metrópole. Ela acabou cedendo, eles venderam tudo o que tinham e foram embora. Apesar de ter passado 16 anos em São Paulo, dona Maura até hoje se atrepende de ter saído de Maceió, pois

não conseguiu se adaptar ao tempo frio, sentia falta de tudo da sua terra natal e, por isso, resolveu voltar. Nesse tempo, trabalhou, juntou dinheiro e, em 1993, voltou para Maceió com oito de seus 11 filhos, mas sem o marido. Dois meses depois, ele retornou ao Nordeste para ficar com a família.

Durante o tempo que passou em São Paulo, dona Maura trabalhou sem poder brincar nos folguedos. Seu primeiro emprego foi como

Maura devidamente trajada para dançar no cordão azul do grupo de baianas



Fonte: Reportagem *Guerreiras e brincantes* (2020, p. 4).

Para obter o efeito desejado de proximidade, utilizei o plano médio e o plano próximo, também conhecido como *close-up*, tentando posicionar a câmera o mais próximo possível das entrevistadas, quando se tratavam das fotos individuais.

O projeto gráfico foi pensado com o objetivo de apresentar de forma atrativa, agradável e funcional para o leitor o material captado, que possui extensão equivalente, ou até reduzida, à magnitude das histórias das brincantes entrevistadas.

6 RESULTADOS E DISCUSSÕES

O jornalismo faz parte das ciências sociais aplicadas e, com a execução deste trabalho, eu pude utilizar, na prática, o embasamento dos conteúdos teóricos com que tive contato durante a minha formação acadêmica no curso de comunicação. Pude tirar teorias do papel e praticá-las, testando e aprimorando a minha desenvoltura em setores do jornalismo com os quais me identifico: jornalismo literário e cultural.

A multidisciplinaridade no fazer jornalístico se fez evidente na construção deste projeto, de modo que cada setor de produção (reportagem, edição, fotografia e projeto gráfico) tem inquestionável relevância para um resultado final positivo, para que o leitor tenha acesso a um produto completo, coeso e coerente.

A escolha do produto que iria ser desenvolvido, a escolha da temática e os recortes dados, a apuração, o registro de imagens e edição, o desenvolvimento do projeto gráfico, ou seja, todo o processo de escolhas e execução do trabalho me fez refletir sobre o conhecimento a que eu tive acesso na universidade. Com isso, cheguei à conclusão de que devo melhorar em alguns pontos e que, quando se escreve sobre algo, nunca se sabe o suficiente, pois sempre tem alguma coisa a ser pesquisada, apurada ou revista.

Desde o início, na escolha do produto a ser desenvolvido, eu considerei a execução deste trabalho um desafio, me propus a testar meus conhecimentos e práticas em setores que, particularmente, considero essenciais no jornalismo: a apuração e a transformação disso em uma reportagem, visando, assim, exercitar e, conseqüentemente, aprimorar essas práticas jornalísticas em que eu identifiquei certa defasagem na minha formação.

Deste modo, toda a produção do produto foi um desafio e cada etapa concluída foi uma satisfação. Apurar e transcrever as narrativas – de mulheres que têm suas vidas entrelaçadas à cultura popular, que lutaram e que, por vezes, ainda lutam, diariamente, para ocupar os postos que conquistaram – foi difícil, pois cada uma delas têm histórias e saberes vastos e fazer a seleção do que iria ser contado não foi algo simples. Adentrar em assuntos delicados como mortes, machismo, patriarcado e violência doméstica demandou habilidade e cuidado. O principal ponto deste trabalho foi praticar o jornalismo humanizado.

A oportunidade de falar de cultura popular sob a perspectiva de mulheres relatando suas dificuldades e conquistas me fez perceber, na prática, e reafirmar a ideia

do compromisso e da responsabilidade do jornalismo em relatar histórias. No caso desta reportagem, a contribuição vem através do registro que auxilia na construção e na manutenção da memória da cultura de um povo e auxilia na reafirmação de uma identidade cultural. As mudanças e a escassez de alguns folguedos retratados reforçam essa importância.

Em síntese, a produção da reportagem busca integrar os registros jornalísticos sobre cultura popular que há em Alagoas, tendo o diferencial de proporcionar uma perspectiva inédita, ou pelo menos pouco explorada, sobre o assunto, perspectiva essa que vem das vivências e narrativas de mulheres que lideram grupos de danças populares e de folguedos. Desse modo, o projeto contribui não apenas com a possibilidade de expansão do (re)conhecimento das personagens e das manifestações culturais, como também amplia o ponto de vista do leitor e incentiva a reflexão crítica sobre o assunto.

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O projeto de criar uma reportagem que tratasse de cultura popular pelo ponto de vista de mulheres protagonistas na continuidade e na manutenção de manifestações culturais foi concretizado. Ter acesso a essas histórias não foi algo difícil, pois todas as personagens sempre foram bem receptivas. No entanto, conseguir dados de fontes oficiais se mostrou um grande desafio, principalmente com relação aos dados quantitativos. Ao consultar a Associação dos Folguedos Populares de Alagoas (Asfopal), informaram que não tinham dados atualizados e/ou disponíveis, por isso explorei mais as informações qualitativas.

Durante a apuração, pude observar que as dificuldades enfrentadas pelas brincantes, dentre as particularidades de cada uma, se assemelham em muitos pontos. Os principais obstáculos são a falta de adesão das novas gerações aos folguedos e danças, o enfrentamento do machismo e do patriarcado e a falta de assistência do poder público, ou seja, faltam políticas públicas que sejam aplicadas e mantidas a longo prazo, e não apenas na alta temporada do turismo no Estado.

É válido ressaltar que grande parte dos mestres e coordenadores de grupos de folguedos e danças em Alagoas são idosos. Isso fica bem nítido nas reuniões da Asfopal. Outro detalhe é que muitos deles não tiveram acesso à Educação Básica e, portanto, são semianalfabetos ou analfabetos, ou seja, o lançamento de editais on-line, medida que geralmente ocorre como método de assistência do governo para essas pessoas, não funciona com eficácia. Embora haja muita paixão e empenho das brincantes em manter seus grupos, há também muita incerteza e desesperança com relação ao futuro dos grupos de folguedos.

Desde o início da produção da reportagem, buscou-se apresentar os conflitos e as dificuldades que as personagens enfrentam, mas também procurou-se destacar os pontos positivos. Em todas as entrevistas, explorei o motivo pelo qual elas insistem e resistem em continuar com as manifestações culturais e em todas as falas pude concluir que as danças e os folguedos fazem parte de quem elas são; as manifestações populares são indissociáveis de suas vidas.

Por meio das narrativas e retratando as histórias de vida dessas mulheres, busquei mostrar como as manifestações culturais são importantes não apenas para elas, mas também para a sociedade como um todo, pois os folguedos e as danças populares de Alagoas são importantes tradições culturais, que resguardam a identidade cultural

local e vêm se tornando cada vez mais escassas. Portanto, almejo gerar um debate sobre o que precisa ser feito para dar assistência e garantir a sobrevivência e a preservação dessas manifestações culturais alagoanas.

Considerando que o conhecimento é um meio de mudança social e a comunicação, desde a sua etimologia, tem como função “tornar comum”, o jornalismo, por sua vez, é uma ferramenta que auxilia tornar o conhecimento algo comum, possibilitando que um número considerável de pessoas possa conhecer histórias construídas através de versões de fatos. Sendo assim, o jornalismo é um importante instrumento de construção da realidade e da memória e aos jornalistas cabe o responsável dever de selecionar, segundo o interesse público, o que merece ser relatado ou não. Assim, julgo ter contribuído, a partir do jornalismo, para que outras pessoas possam conhecer não apenas as histórias de vida de cinco mulheres, mas também parte importante da cultura do povo alagoano, cada vez mais passível de desaparecimento.

8 REFERÊNCIAS

DANTAS, Cármen Lúcia. Maceió, Alagoas, 16 abr. 2018. Entrevista concedida a Viviane da Silva Lima.

DANTAS, Cármen Lúcia; TENÓRIO, Douglas Apratto. **Alagoas Popular: folgedos e danças da nossa gente**. Maceió: Gráfica Moura Ramos, 2013.

CAVALCANTI, Maria Laura. Cultura e saber do povo: uma perspectiva antropológica. In: **Revista Tempo Brasileiro**, n. 147. Rio de Janeiro: Editora Tempo Brasileiro, 2001. pp. 69-78.

FERRARI, Maria Helena; SODRÉ, Muniz. **Técnica de reportagem: notas sobre a narrativa jornalística**. São Paulo: Summus, 1986.

GRUSZYNSKI, Ana; LAHUDE, Katherine Both. Revista Piauí: design editorial para um público com um parafuso a mais. In: **10º Encontro Nacional de História da Mídia**, Porto Alegre, 2015.

LAHUDE, Katherine Both. **Revista Piauí: design editorial para um público com um parafuso a mais**. Trabalho de conclusão de curso (Graduação) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação, Curso de Comunicação Social: Publicidade e Propaganda, Porto Alegre, 2014.

NECCHI, Vitor. A (im)pertinência da denominação “jornalismo literário”. In: **Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação**. XXX Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – VII Encontro dos Núcleos de Pesquisa em Comunicação, Santos, 2007.

RECHENBERG, Fernanda. Maceió, Alagoas, 13 nov. 2019. Entrevista concedida a Viviane da Silva Lima.

SANTOS, Kassia Nobre. Eliane Brum e o diálogo com a literatura: a figura anônima na narrativa. In: **Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação**. XVI Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste, João Pessoa, 2014.

SICA, Karen. Convergência midiática e alterações no consumo de informação. In: **Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação**. XVIII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sul, Caxias do Sul, 2017.

SILVA, Amanda Tenório Pontes. O perfil jornalístico: possibilidades e enfrentamentos no jornalismo impresso brasileiro. In: **Revista Eletrônica Temática**, ano V, n. 10. 2009.

SILVA, Amanda Tenório Pontes. A vida cotidiana no relato humanizado do perfil jornalístico. In: **Estudos em Jornalismo e Mídia**, volume 7, n. 2. 2010.

9 ANEXO

Pauta detalhada

Título: Guerreiras e brincantes: o protagonismo da mulher na cultura popular alagoana

Data: 2019

Redatora: Viviane Lima

Editoria: Cultura

Tema: A quebra de paradigmas e da invisibilidade da mulher na execução e na manutenção dos folguedos alagoanos

Histórico/sinopse: Alagoas é um Estado que se destaca quando o assunto é cultura popular. Os folguedos e as danças populares da região são práticas hereditárias, que envolvem familiares e a comunidade que os cercam, indivíduos que têm entre si relevante grau de importância na construção e na manutenção da cultura popular e da identidade alagoana. As apresentações das manifestações culturais costumam ser pontuais e momentâneas. Elas acontecem em datas específicas e, geralmente, são formadas por música, dança e encenação.

Uma problemática que envolve os folguedos e justifica a sua escolha para a produção deste trabalho, tendo a atuação de mulheres na cultura popular como foco é a falta de adesão das novas gerações. A globalização e a tecnologia são fatores que intervêm nisso (?). Em sua origem, os folguedos eram formas de entretenimento para os senhores de engenho, que os financiavam. As mudanças socioeconômicas modificaram essa forma de manutenção. Os grupos, mesmo os tradicionais, tendem a ser dinâmicos; se adequar às mudanças é algo característico da cultura popular, sendo assim, os grupos estão em contínua transformação, se reinventando e sobrevivendo.

Uma das mudanças que pode ser citada e que será abordada é a atuação das mulheres à frente dos grupos, sendo donas e/ou coordenando a brincadeira como mestras. Há personagens importantes em determinados folguedos que tradicionalmente só podem ser feitas por homens, mas atualmente isso tem mudado, como pretendo retratar.

Como se dá a dinâmica entre as mudanças e o saudosismo em manter a tradição? Quais são as formas de financiamento dos grupos atualmente? Quais e como são as relações entre o turismo, os grupos de folguedos e a preservação da tradição? Existem

políticas públicas de fomento cultural? Existem projetos que visam à interação e à adesão das novas gerações e da população como um todo aos grupos de folguedos? Nas escolas e nas universidades públicas, há algum projeto nesse sentido? Esses são alguns dos questionamentos que serão feitos ao desenvolver a reportagem.

A questão socioeconômica das mulheres, que serão personagens dessa reportagem especial, é um ponto crucial a ser abordado. O folclore e, de modo mais específico, os folguedos e as danças populares, geralmente, são mantidos por pessoas humildes, com baixa aquisição monetária, ou seja, a questão da desigualdade social implicitamente permeia a abordagem da reportagem, afinal de contas são essas pessoas que mantêm os grupos em muitos sentidos, inclusive no sentido financeiro.

A reportagem especial que será produzida pretende não apenas expor essa questão, que criticamente envolve a diferença de classe que há no nosso País, mas também como isso se repercute na cultura popular de modo geral, principalmente dar visibilidade às mulheres que, dentro desse seguimento, percorrem um caminho ainda mais longo para alcançar espaço, para atuar e ter reconhecimento. Quem define o que é popular? Quem define o que deve ser apreciado ou não? Será que alguma mulher já se sentiu desrespeitada por participar de determinado folguedo? Ser mulher, de alguma forma, dificulta a participação nos grupos?

Pretende-se entender e retratar a dinâmica de produção dos folguedos, averiguando dados sobre as profissões ou os ofícios praticados pelos brincantes, condições de trabalho, remuneração, vida e moradia, distinções de gênero nas atividades ou nos papéis desempenhados por homens e mulheres na dinâmica dos folguedos. Todas essas abordagens serão feitas dentro de um recorte mais específico: frisando as dificuldades enfrentadas e as conquistas alcançadas por mulheres, dando destaque a sua subjetividade, que é essencial na vida e na arte.

Enfoque/encaminhamento: Tradição; mudanças nos grupos de folguedos; adesão das novas gerações e da população em geral; políticas públicas; como os grupos se mantêm; como e quando são os ensaios e as apresentações; contexto histórico de colonização e escravidão no País; qual é a origem dos folguedos, casa de engenho e cultivo da cana-de-açúcar; qual é a situação socioeconômica dessas mulheres; se elas tiveram acesso à educação; como o folguedo se relaciona com a sua vida familiar; guerreiro, o folguedo legitimamente alagoano; os folguedos e a identidade alagoana; por que elas brincam; quais são os medos e os sonhos dessas mulheres; elas são felizes (?).

Fontes – Personagens

Folguedo: Chegança Silva Jardim

Personagem: Lucimar – coordenadora do grupo

Mestra: Luzia Simões (falecida)

Contatos: (82) 3267-1167 / 98870-6286 (ligação)

Local: Coqueiro Seco – Alagoas – Região Metropolitana

Folguedo: Bumba Meu Boi Trovão

Personagem: Dona Lurdes

Contato (Davi – neto): 82 8821-7224 (WhatsApp)

Local: Conjunto Virgem dos Pobres – Vergel do Lago – Maceió

Folguedo: Baianas Mensageiras de Santa Luzia e Banda de Pífano Santo Antônio

Personagem: Maura Góes dos Santos – coordenadora do grupo

Contato: (82) 98867-2499 (Claro) / (82) 99334-2799 (ligação)

Local: Rua Santa Luzia, 139, Tabuleiro, CEP 57060-150

Personagem secundária: Ana (filha de Maura, toca na banda de pífano)

Telefone: (82) 98869-6987

Folguedo: Guerreiro Campeão do Trenado

Personagem: Iraci Ana Bomfim de Melo – coordenadora e mestra do grupo

Contato: (82) 99602-3999 (ligação)

Local: Lagoa da Canoa/Girau do Ponciano – Região Agreste (próximo de Arapiraca)

Folguedo: Zeza do Coco (grupo de coco de roda)

Personagem: Zeza – coordenadora e mestra do grupo

Contato: (82) 98808-8713 (ligação)

Local: Chã da Jaqueira – Maceió